

La Casa de Papel: um estudo sobre a inversão de valores presente na série espanhola¹

Eurídice Janaína Ferreira de CARVALHO²

Marinês Maria dos SANTOS³

Lídia Maria Marinho da Pureza RAMIRES⁴
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

A inversão de valores propiciada pelas obras cinematográficas e televisivas provoca uma ambiguidade de sentimentos no espectador, que, por vezes, chega a questionar seus valores e princípios. Este texto busca analisar como se dá a construção desse tipo de narrativa e qual o contexto e perspectiva utilizados por seus autores. A vilania aprovada e empática é estabelecida de maneira nem tanto sutil, mas pensada e intencional no intuito de atingir o público. Os personagens, apesar de errados e com má índole, ganham personalidades e vivem dramas que os aproximam de quem assiste, numa humanização que gera torcida e compaixão. Como atual modelo deste tipo de obra, analisada neste artigo, temos a série espanhola La Casa de Papel, cujo protagonismo é vivido pelos vilões que ganharam afeição e grande audiência em todo o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: La Casa de Papel; Séries; Netflix; Inversão de Valores; Vilões.

INTRODUÇÃO

Com a internet, as formas de entretenimento vêm sendo modificadas de maneira cada vez mais veloz. Pessoas do mundo todo estão sempre conectadas a essas mudanças de comportamento, pensamento e culturas provocadas pela globalização. Atualmente o que mais tem chamado à atenção são as séries, que antes só podiam ser exibidas pela televisão e agora passaram a ter espaço garantido nos provedores globais via *streaming*⁵, como a Netflix.

Nesse sentido, o presente artigo visa fazer uma análise do discurso encontrado na série espanhola, La Casa de Papel, que ganhou fãs em todos os países em que foi exibida.

A série que começou a ser exibida pela televisão espanhola Antena 3 chegou ao Netflix no dia 25 de dezembro de 2017 ganhando a simpatia do público e gerando

Trabalho apresentado na IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Estudante de Graduação do 7º Período do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal), e-mail: euridicecarvalho@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação do 7º Período do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal), e-mail: mara0299@hotmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho, Professora do curso de Jornalismo do COS-UFAL, e-mail: lidia.ramires@ichca.ufal.br.

⁵ Tecnologia que envia informações multimídia através de transferências de dados

opiniões diversas na mídia Espanhola e Europeia. Aqui no Brasil a grande mídia tem feito grandes críticas ao enredo apresentado pela telessérie.

O seriado consiste no plano de um personagem, identificado como professor, de assaltar a casa da moeda espanhola. Nas duas primeiras temporadas a série provocou reações nos telespectadores consideradas eticamente erradas. Por exemplo: torcer para que os assaltantes saiam da Casa da Moeda levando todo o dinheiro que produziram.

Ao desenrolar da trama os personagens são apresentados um a um, de forma que o público consegue se identificar com suas histórias de vida. Com essa identificação o criador da série gera a aproximação e empatia do público com seus personagens, vendendo assim as ideologias presentes na série.

Nesse sentido o artigo trará primeiro uma reflexão sobre a empatia sentida entre os telespectadores pelos vilões de outras obras televisivas e cinematográficas como novelas, filmes e séries já conhecidas. Em seguida, o texto traz uma apresentação da série, para que todos possam conhecer o produto analisado. Concluiremos, então, falando diretamente da inversão de valores identificadas através da análise do discurso presente na trama, seguida da lógica em que a história é contada e identificando a maneira como ela provoca a inversão de valores.

A EMPATIA PELO VILÃO

Uma das características das obras de ficção, de qualquer formato, é criar histórias que façam com que o leitor e/ou telespectador a entenda, se empolgue e se veja na mesma. A apreciação da arte em si, é relativamente singular. Cada um vê a arte de uma maneira, mas ninguém a sente da mesma forma. Princípios, valores e conceitos de caráter estabelecidos e fixados desde a formação pessoal são determinantes para a valorização, entendimento e qualificação da obra, segundo os gostos e índole.

A experiência das pessoas com a arte possui aspectos heterogêneos que passam pela dimensão somática, sensitiva, emocional e física, seja consciente ou não. “O gosto é assumido como uma resposta pessoal, portanto não pode ser avaliada positiva ou negativamente em relação a referenciais externos, mas somente em relação a fatores percebidos pelo próprio consumidor” (BARCELOS, 2015, p.14).

Nas obras cinematográficas e televisivas é comum vermos representações dúbias da realidade. Diversos filmes e novelas tem se destacado e repercutido por despertar no público sensações e reações que destoam das consideradas adequadas para um bom comportamento social e humano. As produções midiáticas refletem as mudanças que o mundo sofreu nos últimos anos e tem adaptado a forma temática de suas obras a cada meio.

Temos visto cada dia mais, obras com tons mais críticos, reais, humanas e políticas, demonstrando mudanças de padrões e comportamentos que eram inadmissíveis antes. São novelas com vilões espertos e inteligentes que conquistam o público com sarcasmo e humor. Filmes que trazem anti-heróis em versões mais humanas e próximas a realidade social do público, conquistando assim sua simpatia e até sua compaixão.

Como exemplos, temos o personagem de Johnny Depp, em *Piratas do Caribe*⁶, Jack Sparrow é trapaceiro, malandro, bêbado, mas é astuto, excêntrico e conquistou o público que sempre lota os cinemas para vê-lo. Há também o *serial killer* Hannibal Lecter, personagem de Antony Hopkins em *o Silêncio dos Inocentes*⁷, encantador e perverso ele despertou a imaginação do público como nenhum outro vilão do cinema, provocando empatia com a habilidade e crueldade transmitida. E o clássico *Laranja Mecânica*⁸, de Stanley Kubrick, que mostra Alex de Large, um vilão consciente, complexo que faz quem assiste simpatizar com ele em algum momento da trama.

Um exemplo recente de simpatia por vilania é o do personagem vivido pelo ator Kevin Spacey, em *House of Cards*⁹, político corrupto, assassino, estrategista, usurpador. Sem nenhum caráter Frank Underwood age por qualquer meio para conseguir o que quer, sempre saindo ileso de tudo. O personagem conquistou o público com seu charme, inteligência, a ponto de gerar uma comoção e os fãs da série lamentar o fato de Spacey ter sido afastado, após ser acusado de assédio sexual na vida real.

O que dizer do Darth Vader, de *Jornadas nas Estrelas*¹⁰, do *Gru de Meu Malvado Favorito*¹¹, da *Malévola*¹², entre tantos outros personagens que conquistam o telespectador devido sua vilania humanizada. Eles que quase sempre não fazem a coisa certa, mas são idolatrados e amados pelo público.

6-Filme americano - diretor Gore Verbinski (2003) / 7- Filme americano – diretor Jonathan Demme (1991)

8- Filme americano e europeu – diretor Stanley Kubrick (1971) / 9- Seriado americano – Beau Willimon (2013)

10- Filme americano- diretor George Lucas (1977) / 11- Animação americana- diretor Chris Renaud (2010)

12- Filme americano – diretor Robert Stromberg (2014)

No Brasil, temos exemplos diversos em novelas e filmes. A Nazaré Tedesco de Senhora do Destino¹³, vivida pela atriz Renata Sorrah, até hoje é lembrada e virou diversos memes na internet. Mas, o vilão que mais gerou o questionamento sobre valores sociais foi o Felix, vivido por Matheus Solano em Amor à Vida¹⁴. O personagem foi o primeiro vilão gay da TV brasileira. Ardiloso e sem nenhum escrúpulo, ele ganhou o amor do público e o autor da novela teve que transformá-lo durante a trama, até que no final, ele ganhou redenção e se tornou uma boa pessoa.

Como vimos existem muitos vilões amados e que ganham a torcida do público. O que não quer dizer que as pessoas estão com valores errados ou que são ruins.

O filósofo Noel Carroll afirma que a identificação com o personagem não é porque nos vemos iguais a eles, mas de alguma forma nos vemos em algumas atitudes deles. “A identificação não pode ser a explicação para a nossa pró-atitude para com o personagem porque identificação estrita parece um estado mental inadmissível: não nos identificamos com os personagens estritamente, de todas as formas, mas, sim, de algumas formas” (Carroll, 2004, p. 127).

Tudo se explica através da maneira como a obra mostra o personagem, do contexto e da lógica em que a história é contada. É uma quebra de “sistema” que tanto na literatura, artes, cinema, teatro é utilizado para dá equilíbrio e balanço a um véu de perspectiva narrativa, que ao mostrar a história contada pelo outro lado, torna o vilão o protagonista. Assim, cabe ao espectador tirar suas conclusões e limitar seu envolvimento com a trama.

Atualmente, uma das produções cinematográficas de sucesso com um público mundial e que tem feito muita gente questionar seus valores é a série espanhola “La Casa de Papel”, de Alex Pina. Com um enredo comum, mas mostrado de uma maneira diferente, a obra tem alavancado índices de audiência e feito com que os telespectadores torçam, vibrem e amem os protagonistas vilões.

É um questionamento comum a diversos telespectadores. Uma inversão de valores criada de forma “inconsciente” no público, presente em tantas obras que contam histórias por outra perspectiva, visando incomodar e instigar a plateia, além, claro, de atrair maior prestígio e consumo para as produções.

13- Telenovela brasileira – Aguinaldo Silva (2005). / 14 – Telenovela brasileira – Walcyr Carrasco (2013).

SÉRIE: LA CASA DE PAPEL

Figura 1 – Foto divulgação



Fonte: Espaço Pop

Uma série é um programa televisivo ou *on-line* com número pré-definido de capítulos por temporada chamados de episódios. É preciso entender que em uma série todo episódio tem uma sequência a ser seguida e um episódio complementa o anterior. Sendo necessário assistir a todos os capítulos, na sequência correta, até a conclusão último episódio.

A primeira série foi produzida em 1946 na Inglaterra e se chamava “*Pinwright’s Progress*” (O Progresso de Pinwright), cujo final foi transmitido dez episódios depois. O enredo, ao estilo comédia, girava em torno das confusões envolvendo o dono de uma loja de departamento, seus funcionários e o concorrente. Porém foi apenas em 1951, com a série Norte Americana “*I Love Lucy*”, que esse tipo de programa ganhou força e passou a ser reconhecido ganhando espaço nas televisões do mundo.

Com o advento da Internet, as séries passaram a fazer sucesso também nos provedores globais de filmes e séries de televisão via *streaming* (fluxo de mídia – é uma forma de distribuição digital *on-line*, ou seja, os usuários têm acesso aos conteúdos sem precisar baixá-los no computador). Foi o que aconteceu com a série La Casa de Papel.

Criada e dirigida por Alex Pina, a série espanhola de 2017 se passa na casa da moeda da Espanha e chama a atenção pelo enredo montado e a construção dos personagens que fazem com que os telespectadores torçam, enquanto cidadãos comuns,

pelos ‘bandidos / vilões’ da trama.

La casa de papel concluiu a segunda temporada e a terceira está prevista para 2019. Nas duas primeiras temporadas conta a história de oito pessoas, já com passagens pela polícia, que recrutados pelo cérebro do plano, o professor, planejam invadir a Casa da Moeda espanhola fazendo 67 reféns, entre eles os servidores e um grupo de alunos que estão visitando o local, para, em seguida, fazê-los imprimir dinheiro para os assaltantes.

No decorrer da série os personagens são apresentados como pessoas comuns que por falta de oportunidades na vida optam pelo mundo do crime, desta forma o professor, que está do lado de fora da casa, consegue fazer com que a opinião pública fique do lado deles.

No elenco do assalto está Úrsula Corberó (Tóquio), Alba Flores (Nairóbi), Álvaro Morte (O Professor), Pedro Alonso (Berlin), Paco Tous (Moscou), Jaime Lorente (Denver), Miguel Herrán (Rio), Darko Peric (Helsinque) Roberto García (Oslo) e no elenco policial merece destaque a inspetora Raquel Murillo, interpretada pela Itziar Ituño.

Figura 2: Foto Divulgação - Fonte: Vanitatis El Confidencial



Da esquerda para a direita: Berlin, Helsinque, Oslo, Nairóbi, Professor, Moscou, Denver, Rio e Tóquio.

Berlin: especialista em roubo de joias entra na casa como o líder do grupo. Ele fica responsável pela comunicação entre os assaltantes e o Professor, além de organizar os reféns dentro da casa da moeda e tranquilizá-los. Apesar da óbvia ligação que existe entre ele e o Professor, é apenas no final da série que descobrimos que eles são irmãos, por parte de pai.

Helsinque e Oslo: sérvios que representam a força bruta do grupo. Pouco se sabem sobre eles, além de que tiveram um passado pontuado pela violência. Não são muito de conversar e isso os torna os soldados perfeitos para o plano do Professor.

Nairóbi: é uma jovem mulher que passou por dificuldade na infância e decidiu ganhar dinheiro fazendo falsificações. Engravidada ainda na adolescência e é abandonada pelo namorado, não vendo outra forma para sustentar a criança além do mundo do crime, sendo presa, perdendo assim a custódia da criança. Com sua parte no roubo ela almeja recuperar seu filho e fugir com ele para um lugar tranquilo. No golpe, Nairóbi fica responsável para fazer o controle de qualidade das cédulas.

Professor: é o cérebro da operação. Com uma inteligência acima da média ele planejou cada detalhe do golpe durante anos. Para completar ele passa uma imagem de homem simples e tranquilo, até mesmo tímido, ou seja, ninguém jamais desconfiaria que uma pessoa assim estivesse no centro de um roubo à Casa da Moeda espanhola.

Moscou: um homem simples, que trabalhou durante anos em minas e teve que ser afastado por conta da asma, acabando em uma serralheria. É capaz de fazer qualquer coisa com metal e essa habilidade o levou ao mundo do crime. Já foi condenado pelo roubo de várias joalherias. No plano do assalto ele fica responsável por supervisionar e cavar os túneis que vão possibilitar a fuga dos assaltantes.

Denver: é filho de Moscou e está no plano devido a esse parentesco. É impulsivo e explosivo, já fez uso de drogas e seu pai é sua âncora com o lado humano. Na trama, ele se apaixona por uma refém e isso traz inúmeras consequências para sua vida.

Rio: o mais novo do grupo, um hacker que sabe tudo sobre programação e pirataria estando inclusive na lista de procurados pela Interpol. Essa habilidade o fez indispensável para o sucesso dos planos do Professor.

Tóquio: é uma mulher forte e impulsiva que faz de tudo para aparentar não ligar para ninguém. Entrou no mundo do crime aos 14 anos seguindo os passos do namorado,

que morreu em um dos assaltos. O Professor a encontra indo para uma armadilha montada por sua mãe e a polícia para prendê-la. Assim, ela entra no grupo dos que vai cometer o maior assalto da história.

Para garantir a eficácia do plano, o Professor proíbe os oito assaltantes de se apresentarem com seus nomes verdadeiros, por isso todos eles propõem serem identificados com nomes de cidades. Outra regra a ser seguida é a de que nenhum deles poderia ter nenhum envolvimento afetivo.

O Professor é apresentado ao público primeiro como um filho realizando o grande sonho do pai, que faleceu em sua última tentativa de assalto a um banco, mas também como um idealista, tirando dos mais ricos para dar aos pobres. Esse argumento fica muito óbvio na fala do professor no último capítulo da 2ª temporada.

“O que fazemos, e que para você parece ruim, os outros também fazem... Em 2011 o Banco Central Europeu não fez nada. 171 bilhões de euros, do nada. Como nós fazemos. Só que fez isso legalmente. 185 bilhões de euros em 2012. 145 bilhões de euros em 2013. Você sabe para onde todo esse dinheiro foi? Para os bancos... da fábrica de dinheiro diretamente para os mais ricos. Alguém disse que o Banco Central Europeu era um ladrão? Chamaram de “injeção de liquidez”. E eles os tiraram do nada. (mostrando uma nota de euro). O que é isso? Não é nada, é papel. Eu faço uma injeção de liquidez não para os bancos. Faço isso para a economia real. Faço para um bando de desgraçados que somos nós...” (LA CASA DE PAPEL, 2018, 2ª temporada, Cap. 9).

Essa fala do professor acompanha a série no seu desenrolar e ativa chaves no cérebro, que faz com que o público simpatize e até comemore quando os assaltantes conseguem sair do assalto, com todo o dinheiro impresso por eles. Como o próprio professor diz, eles não estão assaltando a Casa da Moeda, eles estão imprimindo seu próprio dinheiro.

Todo esse discurso que a série traz nos inquietou e nos fez preparar esta análise. Porque parece eticamente errado torcer pelos assaltantes, mas é exatamente isso o que os telespectadores fazem ao assistir o seriado. Então, esse artigo propõe fazer uma análise do discurso encontrado na série tentando compreender este fenômeno que chamamos de inversão de valores.

A INEVITÁVEL INVERSÃO DE VALORES EM LA CASA DE PAPEL

Ao assistir La Casa de Papel, o telespectador se pega pensando se os valores aprendidos durante sua vida e sua noção humana de certo e errado não está se perdendo diante dos seus olhos. Uma dúvida com relação a seu caráter e princípios é levantada de forma sutil e, talvez imperceptível.

A inversão de valores é definida como uma transformação onde não se sabe o que é certo ou errado, positivo ou negativo, moral ou imoral. Neste contexto, as pessoas questionam, ou não reconhecem seus princípios e valores em si mesmos. Há uma impressão de que o mundo está ao contrário e confuso.

É assim que a maioria dos telespectadores se sente ao assistir a La Casa de Papel. Uma percepção de que se está torcendo pelo “lado errado” da história, causa um incômodo e um questionamento fazendo-os refletir diante da obra.

A série conta a história de um grupo de pessoas, a maioria já com passagens pela polícia e histórico de crimes, que liderados por homem sem antecedentes, planejam e executam um assalto a Casa da Moeda da Espanha.

O enredo é simples e não muito diferente de obras que já mostram assaltos. No entanto, a série despertou o interesse de um grande público e estourou mundialmente, muito pela forma como é mostrada e narrada. Toda a história é contada pela perspectiva dos criminosos, personagens muito bem construídos que logo capturam o espectador.

As histórias de vida dos oito assaltantes, as emoções, sentimentos e a motivação para participar do assalto ganham de certa forma, uma empatia do público. A grande sacada do autor foi humanizar os personagens e trazê-los para o mais perto possível do telespectador, no sentido de fazê-los se reconhecer em algum momento, ou de alguma forma neles. É o potencial dramático dos personagens que prende quem assiste a série. As idiosincrasias deles, suas paixões, explosões emocionais, erros e forma como se relacionam criam essa sensação de empatia e torcida, que faz o telespectador pensar: “Tem algo errado aqui!”.

O autor da série foi muito feliz na criação dos personagens dando-lhes um protagonismo raramente visto dentro da dramaturgia.

“A construção dos personagens também se aperfeiçoou; procura-se criar caracteres que tenham raízes na realidade, que sejam verossímeis e que,

evoluindo ao longo da história, conserve em uma trama o mínimo de coerência desejável. Deve-se conceder, no entanto, que os principais problemas da criação dramaturgica dessa longa história aberta, sobre a qual as vezes nem mesmo o autor (e muito menos ao atores) têm pleno domínio, recaem, exatamente, sobre a criação dos personagens” (PALLOTTINI, 2000).

Ao acompanhar La Casa de Papel, é inevitável não vibrar com a cena em que eles conseguem entrar no local; não torcer para que os reféns fiquem quietos e não tentem se rebelar; não viver momentos de tensão cada vez que a polícia chega perto de descobrir a identidade do Professor; não roer a unha e evitar a adrenalina quando Tóquio retorna (numa cena perfeita e mirabolante) para o local do crime; e não ficar na torcida para que a inspetora policial e o chefe do bando criminoso formem um casal.

Fonte- Google



Figura 3- Personagens de La Casa de Papel

A série traz uma inversão de papéis éticos. Alguns personagens despertam no telespectador uma relação de amor e ódio. É o caso da Tóquio, vivida pela atriz Úrsula Corberó, egocêntrica, impulsiva e explosiva, em muitos momentos ela põe toda a estratégia do plano (da trama) a perder. No entanto, algumas das cenas de maior adrenalina e de maior sentimentalismo são vivenciadas pela personagem. Em manifestações de críticos e públicos sobre a série, é comum relatos de que Tóquio é odiada e amada.

O personagem de Pedro Alonso, o Berlim, é charmosamente arrogante, em dados momentos repugnante, mas seu sarcasmo e personalidade fazem com ele seja visto como um líder de verdade. Ele transmite para o público a sensação de que sob o seu comando, todo o plano do assalto dará certo. Outro personagem que causa empatia

no espectador é Rio, vivido por Miguel Herrán. Jovem, frágil e com certa inocência, ele se apaixona por Tóquio e juntos eles vivem uma história de amor, que se torna mais uma construção pensada do autor.

O público também encontra na obra laços de família e amizade que ajudam a impetrar a empatia e atenção. A relação de Moscou (Paco Tous) com seu filho Denver (Jamie Lorente), que, mesmo ambos estando envolvidos no crime, há no pai a preocupação e cuidado para que o filho não mate, pois na visão de Moscou assassinato é um crime mais grave e imperdoável. Além de toda a apreensão de todo pai, sendo bandido ou não, para que Denver não sofra e não se machuque, fisicamente e emocionalmente.

A amizade dos irmãos Helsinque (Darko Peric) e Oslo (Roberto García), de Berlin e o Professor (Álvaro Morte) rendem momentos tocantes e emocionantes na série. E o que falar de Nairóbi (Alba Flores), personagem que mais cativa o espectador com sua verdade, inteligência e história dramática. Apesar de estar do lado “errado” da trama, Nairóbi é, entre os protagonistas, a personagem mais coerente e mais sensata. Ela se aproxima mais da realidade do público e é, talvez, a que mais provoca o paradoxo da questão.

Todos os protagonistas têm em seus perfis nuances de sutilezas e, em alguns momentos, fazem com que os personagens escapem da definição de vilão. Há uma personalidade dúbia em cada um, uma mistura do bem e do mal, como em todo ser humano, mas esquecida diante da retratação que define o certo e o errado.

“Chama-se conflito interno a contraposição de duas forças, interiorizadas, ambas potentes, significativas, que se enfrentam num mesmo personagem. São desejos conflitivos de vida e morte, os impulsos contraditórios de destruir e construir, de amar ou renunciar, de escolher este ou aquele caminho”
(PALLOTTINI, 1998, p.163).

A empatia do telespectador com os protagonistas criminosos foi previamente pensada pelo autor durante a produção da obra. A prova disso é que em alguns episódios há diálogos que deixam claro a visão da torcida do público para os assaltantes. “Existe um motivo pelo qual, numa partida entre Brasil e Camarões, na Copa do Mundo, a maior parte dos telespectadores não brasileiros vai torcer para a seleção africana: o ser humano adora uma história onde a parte mais fraca vence”(LA CASA DE PAPEL, 2017).

Também no final da segunda temporada, enquanto a polícia procura o esconderijo do Professor. Um dos detetives menciona que as pessoas não permitem que ele entre nas casas, pois “elas veem os assaltantes como heróis”. A série também deixa claro que grande parte da população (na ficção) acha que o assalto foi um protesto, não um crime.

Com uma primeira temporada ritmada e surpreendente, a série dá uma reduzida no ritmo na segunda temporada, mas rende boas cenas e ainda mais empatia.

La Casa de Papel não é a primeira obra cinematográfica a utilizar o recurso de humanizar ou dar empatia aos vilões, mas no contexto atual é a série de maior repercussão, principalmente por criar essa simpatia do público pelo “lado errado da história”. O espectador passa a ter raiva dos reféns e da polícia, torce mesmo pelos oito malucos protagonistas, que usam nomes de cidades, usam macacões vermelhos e mascaradas de Salvador Dali, fazem mais de 60 reféns para realizar o maior roubo da história.

A inversão de valores provocada pela série é tanta que há milhares de pessoas se fantasiando como os personagens. Até a música, *Bella Ciao*¹⁵, canção popular italiana, hino dos protagonistas criminosos, virou hit mundial, com versões e arranjos diferentes.

A obra também faz referências a diversas passagens históricas e temas em discussão contemporaneamente, como a crítica a economia e política espanhola, a resistência italiana contra o nazifacismo¹⁶, o machismo, sistemas sociais de liderança (patriarcado e matriarcado), entre outras.

Como tudo é contado através da perspectiva dos personagens criminosos, é impossível não sofrer com suas aspirações, amores e sofrimento. A empatia é tamanha

15- Hino italiano contra o fascismo de Benito Mussolini durante a Segunda Guerra Mundial, 1939.

16- Regime totalitário instituído por Benito Mussolini, na Itália, durante a Primeira Guerra Mundial, 1919

que faz com que o telespectador se inquiete na poltrona, vibre e sinta vontade de gritar com cada parte do plano que dá errado, ou dá certo.

No fim, tudo que o espectador quer é que os criminosos saiam ilesos e fujam com todo o dinheiro roubado. Deixando evidente a inversão de valores tão assustadora e tão questionada, que mostra que a vilania é aprovada dentro de alguns contextos, que vez ou outra, se apresentam em narrativas audiovisuais intrigantes. Afinal, vilão é para ser detido, punido, odiado. Até quando? Até um novo paradoxo ser concebido e propagado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o advento da globalização a partir da invenção e barateamento da internet, as pessoas estão cada vez mais conectadas. Problematizar questões em nível mundial ficou fácil e acessível a todos. No caso específico analisado nesse artigo, é se utilizando desse mecanismo que o criador da série, Aléx Pina, nos coloca para pensar na inversão de valores através da série La Casa de Papel.

Ao desenrolar da análise, percebe-se que o discurso presente no objeto de estudo provoca a empatia nas pessoas conseguindo, dessa forma, tornar as ideologias presentes na série mais palatáveis ao público. É a empatia que faz com que os telespectadores vibrem e torçam pelos ‘vilões’ da história. Aqui percebe-se que o entretenimento precisa ser levado a sério na construção ou desconstrução dos valores passados de geração a geração.

La Casa de Papel se caracteriza por inverter a lógica que se aprende desde criança. Na série, a polícia e o sistema passam a serem os vilões, enquanto os assaltantes são os protagonistas mocinhos. É dessa forma que o público recebe toda a problematização da obra.

De acordo com a análise feita sobre o protagonismo dos personagens/assaltantes da série é possível perceber que essa construção dramática se aperfeiçoou. E que os vilões da história não são tão ruins assim nem os mocinhos - policiais e sistema - tão eticamente corretos como deveriam ser. Isso criou a aproximação entre o espectador e

os bandidos, gerando certo desconforto em quem acompanha o desenrolar da história e se percebem torcendo pelo lado “errado”.

Foi possível relembrar que essa não é a primeira vez que essa empatia pelo vilão acontece na teledramaturgia. E ela é explicada pela mistura do bem e do mal que foi retratada na série pelo grupo de assaltantes e que existe nas pessoas, mas que é escondida diante da percepção camuflada do que é certo ou errado.

REFERÊNCIAS

ARNHEIM, Rudolf. *Cinema como arte: as técnicas da linguagem audiovisual*. Rio de Janeiro: Mairaquitã, FAPERJ, 2012.

BARCELOS, Renato Hubner. **Gosto não se discute? Uma Problematização Teórica sobre o Gosto Estético do Consumidor**. Studilib, Puc-Rio, 2015,

CARROLL, Noël. **Sympathy for the Devil**. IN: GREENE, R.; VERNEZZE, P. *I Kill Therefore I Am. The Sopranos and Philosophy*. Chicago & La Salle, Illinois: Open Court, 2004, p. 121-136.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia: A Construção do Personagem**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

XAVIER, Ismail. **O Olhar e a cena: melodrama, Hollywood, Cinema Novo**, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

ZATTI, Angela Helena. **Quando o Bandido Torna-se Mocinho: A Construção do Personagem-Vilão pelo Cinema Brasileiro**. 2010. 152 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Linguagens). Curitiba, PR: Universidade Tuiuti do Paraná, 2010.

Anexo

Ficha Técnica

La Casa de Papel- Espanha 2017 – Primeira Parte (Episódios 1 a 13) — Segunda Parte (Episódios de 1 a 9).

Criador: Alex Pina

Direção: Jesús Colmenar, Miguel Ángel Vivas, Alex Rodrigo e Alejandro Bazzano.

Roteiro: Esther Martínez Lobato, Álex Pina, David Bacarrocal, Javier Gomez Santander, Pablo Roa e Fernando Sancristóval.

Elenco: Úrsula Corberó, Itziar Ituño, Álvaro Morte, Paco Tous, Pedro Alonso, Alba Flores, Miguel Herrán, Jaime Lorente, Esther Acebo, Enrique Arce, María Pedraza, Darko Peric, Kiti Mánver, Brian Beacock, Anna Gras, Fernando Soto, Mario de la Rosa, Juan Fernández, Clara Alvarado, Fran Morcillo, Miquel García Borda

Duração: 55 a 40 minutos, cada episódio